

INFÂNCIA ROUBADA

Os meninos-soldado a partir de uma leitura de *Feras de lugar nenhum* de Uzodinma Iweala

Carla Victoria Albornoz é doutoranda em Literatura Brasileira na Puc-Rio.
E-mail: calbornoz2000@yahoo.com

Resumo

O presente artigo propõe pensar a relação entre a literatura e política através do romance de Uzodinma Iweala, *Feras de Lugar nenhum*, o qual mergulha na vulnerabilidade exposta da criança ao ser atravessada pela violência da guerra num país africano. A partir da figura de um menino-soldado, a narrativa transita pela escrita do real, não como um relato testemunhal ou autobiográfico, mas numa palavra de denúncia com os recursos e sonoridades emprestados da linguagem oral e cotidiana própria do contexto que retrata e que possibilitam a ficção. Um gesto que transparece em conceitos, tais como, memória, corpo e temporalidades que atingem o mundo de uma criança que vivencia do horror.

Resumen

Este artículo propone pensar la relación entre literatura y política a través del romance de Uzodinma Iweala, *Feras de lugar nenhum (Beast of no nation)*, el cual se sumerge en la vulnerabilidad expuesta de un niño cuando es atravesado por la violencia generada por la guerra en un país africano. A partir de la figura de un niño-soldado, el relato transita por la escritura de lo real, no como un testimonio o algo autobiográfico, sino como una palabra de denuncia con los recursos y la sonoridad prestados del lenguaje oral y cotidiano propio del contexto que retrata y que posibilitan la ficción. Un gesto que se transparenta en conceptos tales como memoria, cuerpo y temporalidades que se manifiestan en el mundo de un niño que vive el horror.



Es como el nacimiento y la infancia, que están allí antes de que lo esté uno. El allí en cuestión se llama cuerpo. No soy yo quien nazco, quien soy alumbrado (enfanté). Yo mismo naceré después, con el lenguaje, al salir de la infancia (enfance), precisamente. Mis asuntos habrán sido tratados, decididos, antes de que yo pueda responder por ellos. Y esto de una vez para siempre, y esa infancia, ese cuerpo, ese inconsciente se quedará ahí durante toda mi vida.

(J-F. Lyotard, *Lecturas de infancia*, p.44-45)

A infância, como conceito, é uma instância relativamente recente através da qual tentamos compreender esse estágio enigmático que deixa traços sutis, e às vezes ininteligíveis, na nossa existência. Segundo o historiador francês Philippe Ariès¹, a infância é um conceito que se forjou na modernidade. Antes disso, a figura da criança era quase inexistente. Ela era atravessada com violência pelo mundo dos adultos, de forma tal que um e outro se tornavam algo totalmente indistinguível, sem espaço possível para que aflorasse essa sensibilidade especial que permite olhar dentro de nós no reflexo do outro. No entanto, há já mais de um século a psicologia, a sociologia e a antropologia, entre outras disciplinas, interessam-se pela criança como forma de penetrar em camadas profundas da condição humana e de nosso proceder em sociedade.

Sabemos que a infância é uma etapa de extrema vulnerabilidade tanto física como emocional. Ela não acaba com a chegada da maioridade, com a aquisição da licença de conduzir veículos ou com o acesso a determinadas responsabilidades civis. A infância é um estado que permanece conosco, desenvolvendo-se ao longo de nossa vida, mesmo quando tentamos mascarar-la com palavras e atitudes que criam a nosso redor um muro de defesa a essa extrema exposição à qual está entregue a criança. Essas barreiras de contenção são formadas pelo processo de devir em adulto, como um meio de apartar-nos da violência do mundo, afastando-nos assim da possibilidade de nos ferir e de expor essa ferida ao outro.

A infância é pura potência, é pura vivência e, portanto, energia totalmente maleável. Dos cuidados com que as crianças são acolhidas dependerá não somente o futuro delas, mas

¹ ARIÈS, Philippe. *História Social da Criança e da Família*. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1981

também o dever daqueles que os circundam. Tudo as afeta. As crianças são como grandes antenas que incorporam rapidamente sensações, aptidões, valores e conhecimentos que trazem a experiência. O padecimento de qualquer tipo de violência nesta etapa produz traços profundos, complexos e difíceis de apagar, com conseqüências imprevisíveis na maioria dos casos. Esta é a janela através da qual o romance de estréia do nigeriano Uzodunma Iweala, *Feras de Lugar Nenhum* (2006)², tenta penetrar no mundo da criança ao relatar de forma simples, honesta e, ao mesmo tempo visceral, a história de um menino-soldado que é obrigado a entrar nas fileiras de um dos tantos bandos militares que mutilam as nações africanas.

Desde o advento da modernidade até os nossos dias uma grande quantidade de avanços foram realizados em matéria de reconhecimento dos direitos das crianças no Ocidente³, embora um movimento inverso parece ter recrudescido nas últimas décadas se levarmos em conta a violência exercida contra as crianças em lugares que estão sob o domínio de lutas armadas internas ou de ordem civis. Estima-se que na última década quinze milhões de crianças foram mortas em conflitos armados. Pelo menos quatro milhões ficaram deficientes, cegas ou com lesões cerebrais, cinco milhões tornaram-se refugiadas e doze milhões foram deslocadas de suas comunidades. Estima-se, também, que um número maior e indeterminado tenha sofrido deterioração na saúde por causa da desnutrição e falta de educação, como conseqüência da destruição das coletas, infra-estrutura, hospitais e escolas nos diferentes conflitos nos lugares nos quais se verifica o problema das lutas armadas.

A expansão crescente da violência infantil durante os últimos anos impulsionou a ratificação da responsabilidade da comunidade internacional através da Convenção dos Direitos da Criança adotada pela ONU em 1989, na qual se reconhecem os direitos civis, econômicos, políticos, sociais e culturais das crianças. Estabelece-se no artigo 38 desse texto que nenhuma criança menor de 15 anos deverá participar diretamente nas hostilidades

² Iweala, nascido em 1982, é um jovem escritor nigeriano formado na Universidade de Harvard, atualmente continua seus estudos de medicina na Universidade de Columbia. *Beats of no Nation* (título original de *Feras de lugar nenhum*) forma parte de seu trabalho de tese em Harvard o qual foi publicado em 2005 e recebido com grande repercussão pela crítica.

³ Os direitos das crianças foram considerados na Carta das Nações Unidas a partir de 1949.

de um conflito armado ou ser recrutada pelas forças armadas. Mesmo assim, devido aos constantes abusos aos direitos das crianças, as Nações Unidas adotaram um protocolo adicional elevando a 18 anos a idade mínima para a participação em conflitos, enfatizando ainda que eles deveriam estar envolvidos em responsabilidades para a manutenção da paz. Recomendando, porém, que os membros da polícia civil e demais forças deveriam contar com integrantes de mais de 25 anos.

Apesar desses esforços, a participação de crianças em conflitos armados na África, assim como na América Latina⁴, é uma realidade que às vezes passa despercebida pela opinião pública internacional. Milhares de crianças têm sido incorporadas por exércitos regulares ou por grupos para-militares ou guerrilheiros em Uganda, Burundi, Costa de Marfim, República do Congo, Sierra Leona, Sudão e Somália.

À cruzada humanitária em prol dos direitos destas crianças iniciada por diferentes organizações internacionais, soma-se também a experiência da escrita ficcional. Há poucos exemplos na literatura desta problemática que nos afeta profundamente como comunidade e indivíduos. É talvez por isso que *Feras de Lugar Nenhum* resulta uma obra marcante pela agudeza com que trata o tema das crianças-soldado na África. Um triste símbolo da África pós-colonial. Uma obra de ficção que denuncia, mas que em nenhum momento se coloca no lugar do testemunho. *Feras de lugar Nenhum* se encaixa no que chamamos de literatura do real, como uma forma ficcional que busca intervir de alguma maneira na tomada de consciência num determinado estado de situação de nossa realidade: a utilização de meninos-soldados em conflitos armados.

A proposta das páginas a seguir é a de tratar alguns aspectos da violência infantil a partir da figura do menino-soldado. Procurando, assim, adentrar no paradoxo dessas

⁴ Na América Latina, isso se evidencia, por exemplo, na morte de crianças envolvidas em guerras entre narcotraficantes no Rio de Janeiro, mas também se observam nas denúncias de organizações sobre o recrutamento forçado de crianças para formar parte das lutas na Colômbia. O caso da Colômbia talvez seja o que mais atenção da imprensa tenha recebido (há aproximadamente uns 11.000 crianças combatentes no país), sendo que na literatura podemos destacar o romance de César Vallejo, *La virgen de los sicarios*, o relato que desenvolve a problemática de bandos de crianças assassinas por encomenda na cidade de Medellín. Uma violência que atravessa todas as camadas das sociedades, mas que se revela intolerável quando as crianças já não são mais protegidas por uma ordem, elas começam a contar mais como um valor de uso, deixando-se de lado a potência, a promessa que cada uma delas tem para construir algum futuro melhor.

crianças que são vítimas e, ao mesmo tempo, autores de violência. Crianças que têm tido e têm a sua infância roubada e interrompida pela violência.

Um menino-soldado

O romance *Feras de lugar nenhum* poderia ser um relato testemunhal ou autobiográfico. Ele está construído como uma narrativa em primeira pessoa que se inicia quando Agu, um menino-soldado, é descoberto por uma das milícias armadas que devasta a sua aldeia e para sobreviver, é obrigado a formar parte das fileiras. O romance está constituído por um duplo gesto. Em primeiro lugar, o gesto de seu autor -Iweala- quem ao escrever essa narrativa como tese final do curso na Universidade de Harvard decide realizar uma intervenção na realidade a partir da ficção sobre uma problemática que nos atinge. Uma história que como ele costuma afirmar “simplesmente precisa ser contada”⁵. O segundo gesto se localiza no relato de Agu, o seu protagonista, pois a força desse relato está em mostrar-se tal qual. Uma narrativa que serve como gesto de liberação do sofrimento e do sentimento de culpa do menino por meio de uma palavra intimista, que transita num lugar difuso entre o mundo infantil e o do adulto com devastadora sinceridade. Um gesto duplo que coloca em relevo uma irredutível necessidade de falar, tanto do autor como do personagem, para tirar de si o vivido em Agu, assim como o ouvido e lido por Iweala no momento de sua pesquisa sobre os meninos-soldado, e desta forma assumir a responsabilidade através da palavra.

Como se se tratasse da gênese bíblica na qual a história do homem e do mundo se inicia a partir da ordem “faça-se a luz”, desde as primeiras linhas desta ficção sobressai a palavra concisa na voz de Agu que nos fala com as entranhas, expondo corpo e emoções numa narrativa que começa sem rodeio algum:

⁵ “Politics can be dangerous in some parts of África, but childhood can be even more risky”. Entrevista cedida por Iweala a Robert Binbaum,
In: http://www.themorningnews.org/archives/binbaum_v/uzodinma_iweala.php

Começa assim. Sinto uma coceira como se um inseto estivesse subindo na minha pele, e minha cabeça começa a formigar bem no meio dos meus olhos, e quero espirrar, porque meu nariz está coçando, e o ar sopra dentro do meu ouvido e ouço muitas coisas: o barulho dos insetos, o som de um caminhão bufando como um animal e depois alguém gritando TOMEM SUAS POSIÇÕES IMEDIATAMENTE! VAMOS! VAMOS! VAMOS! RÁPIDO! MAIS RÁPIDO! Numa voz que corta meu corpo como uma faca ...

Alguém está batendo na porta. TOC. TOC. Mas não respondo. Então, eles batem e chutam com muita raiva e o lugar todo sacode e o telhado começa a desmoronar em pedacinhos e entra mais luz. ... Então vejo uns olhos amarelos que pertencem a um corpo baixo e escuro com barriga grande e pernas finas como as de uma aranha. O corpo é tão magro que o short que está usando fica balançando em volta de suas pernas como uma saia de mulher, e a camisa, pendurada nos ombros, parece um vestido. Seu pescoço luta para segurar sua cabeça grande, que está sempre me olhando de um lado para outro.

Olho para ele. Ele olha para mim. Não parece surpreso em me ver, mesmo que eu esteja surpreso em ver ele, mas sua expressão muda, fica mais séria. Ele me cheira como um cachorro e me pisa. POU! E começa a me bater... (IWEALA, 2006, p.9-11)

Esse é o prelúdio de uma infância roubada pela violência. O começo da descida ao inferno da terra de ninguém onde Agu se debaterá entre a moral e a sobrevivência, entre a morte e vida, entre a lembrança e o delírio da fome. A narrativa avança, ininterrupta, sem respiro, numa tensão constante que nunca nos deixa de chocar. Os sucessos se repetem, os saques e as ordens enérgicas e brutais do Comandante da milícia, mandando sempre matar, estuprar, enfiar a faca em alguém, enquanto Agu se retorce entre a ação e o pensamento: “Fico em pé no lugar. Estou com medo. Não quero matar ninguém hoje. Não quero matar ninguém nunca” (IWEALA, 2006, p.31). No meio da tensão das ordens e da recusa, o menino-soldado nos expõe o debate entre a moral que lhe foi ensinada através da Bíblia, livro com o qual aprendeu a ler, e aquilo que deve fazer para sobreviver:

Se eu matar, se eu matar o homem, vou para o inferno e começo a sentir o cheiro do inferno, a fumaça, o fogo. Mas eu estou em pé aqui, chorando, tremendo, olhando, mas vejo, de repente, que um soldado inimigo está tentando sair do mato... (IWEALA, 2006, p.31)

Nessa necessidade instintiva de sobrevivência encontra-se o antagonismo entre a figura do menino e do soldado num espaço que se aproxima ao de um beco sem saída. Um contínuo transitar entre essa alma infantil, essa inexperiência da vida que apreende através da vivência, e a responsabilidade irrespirável de alguém programado para matar o inimigo. Cisão esta que é colocada sem receio pelo próprio Agu quando repete para si mesmo:

Não sou um menino mau. Não sou um menino mau. Sou um soldado e o soldado que mata não é mau. Digo isso para mim mesmo porque os soldados têm que matar, matar, matar. Então se mato só estou fazendo o que é certo. (IWEALA, 2006, p.37)

Esse duplo representado pelo olhar de menino e pela responsabilidade de ser também um soldado se acopla na obediência como forma de subsistência, nesse aferrar-se à vida no meio de tanta morte. A luta constante e infinita não tem ideologia, desconhece-se a sua origem. Ela simplesmente radica em não estar do outro lado, não ser o inimigo que caiu em mãos de alguém, não ser o menino-soldado que desagradou ao Comandante e que, portanto, irá apanhar ou ainda ser morto, não ser o mau filho que desobedece aos pais, não ser uma má criança que esquece os ensinamentos dos mestres. Como achar o balanço nesse entre-lugar em que Agu habita no meio da guerra? Uma guerra que desconhece causas e bandos, pois não parece haver um ideal por trás da luta. Uma guerra grotesca, mísera, bárbara, ignorante de tudo.

Uma guerra no limiar do nada, uma luta sem sentido e referências para Agu, assim como para a maior parte da população dos países africanos divididos por ódios étnicos dos quais desconhecem a sua procedência. Como dirá Franz Fanon em *Os condenados da terra*, são consequência da relação tortuosa e simbiótica entre colonizador-colonizado que prossegue ainda no processo de descolonização, através do qual o mundo colonizado fica partido em dois, onde “a linha de corte, a fronteira, é indicada pelas casernas e pelos postos policiais” e na qual “o interlocutor legítimo e institucional do colonizado, o porta-voz do colono e do regime de opressão é o policial ou o soldado” (FANON, 2007, p. 54). Agu, assim como tantos outros africanos, sejam eles adultos ou crianças, não sabem por que estão lutando ou por que estão sendo assassinados. O menino-soldado só sabe que precisa viver mais um dia na esperança de, talvez, encontrar ainda com vida a sua mãe e a sua irmã para assim poder retornar a uma vida interrompida.

Ao longo do relato, como se se tratasse dos cacos de um vaso quebrado, Agu procura com esforço ligar as lembranças de sua vida de menino ao horror de ser soldado. Misturam-se às memórias de sua infância na aldeia de seus pais, o imperativo da obediência aos superiores e os ensinamentos de outrora, na procura dos dois pilares nos quais precisa sustentar-se uma criança: a sensação de felicidade e de segurança. Na ausência desses apoios, Agu explora a vida de forma limitada. Entre o exército de meninos parece ter

somente um amigo, Strike. Um menino que não fala, mas com quem mantém diálogos esporádicos. Talvez uma invenção de sua imaginação de criança, um “corcundinha”, como aquele que Walter Benjamin relata em suas memórias de *Infância em Berlim*, espécie de gnomos com gorros pontudos que lhe lançavam olhares às noites por entre as aberturas das janelas. Conta Benjamin que o corcundinha aparecia para ele durante as noites, mas para Agu a vida é uma obscuridade eterna desde o seu ingresso na milícia.

É impossível para Agu apreciar a natureza entre o sangue, os vômitos e excrementos, pedaços de corpos desmembrados e gritos pedindo misericórdia. Strike é então o seu refúgio, o seu amigo na descida e o seu único apoio. Se ele é real ou imaginário pouco importa. É real para Agu enquanto a guerra acontece. Após o êxodo que se inicia com a rebelião dentro da milícia que culmina com o assassinato do Comandante, Agu junto a Strike empreendem a fuga, mas o amigo não resiste a uma ferida e morre no meio do mato. Essa morte será a sua salvação real e também emotiva, pois a memória de Strike lhe trará alguma lembrança de afeto da época brutal da guerra.

Corpo e linguagem

Tal como pontua Beatriz Jaguaribe em *O choque do real*, para que a literatura do real seja efetiva precisa produzir na narrativa um impacto a partir “dos detalhes que dão credibilidade à ambientação e caracterização dos personagens” (JAGUARIBE, 2007, P. 27). O relato que busca narrar o real precisa produzir uma mimese, uma representação daquilo que se produz no mundo.

Há várias formas de desenvolver esses detalhes, às vezes pode-se acudir às imagens e em outras ocasiões à língua e à sua sonoridade como um recurso de aproximação a esse tempo e esse espaço em que a história está sendo relatada.

Assim, o pacto com o leitor que dá credibilidade à história de *Feras de lugar nenhum* se constrói sobre a cadência de uma escrita que se assemelha à da oralidade com que uma criança relata a história de seu trauma.

Este romance foi escrito originalmente numa adaptação do inglês *pidgin*⁶, uma linguagem caracterizada pela combinação de elementos sintáticos, fonéticos e morfológicos que aproximam idiomas e dialetos, sem que esta nova língua tenha uma estrutura gramatical estável. Iweala toma a forma do *pidgin* e o adapta a uma sonoridade que se aproxima a uma forma coloquial e oral que se utiliza para falar na Nigéria. Na tradução ao português restam poucos vestígios dessa língua, embora se perceba que se trata de uma escrita que tenta reproduzir a oralidade de uma criança nas repetições que dão ritmo à linguagem.

Assim, Agu se expõe no seu relato através de uma língua simples e às vezes tosca que nos toca pelas mudanças de tonalidades que se produzem por meio de frases curtas. Uma fala que costura esse pacto com o leitor e pelo qual acreditamos que aquele que narra é verdadeiramente uma criança. Essa verossimilhança outorga uma força vital ao relato engajando-nos não somente com uma narrativa, mas também com uma escrita que funciona como uma denúncia de um testemunho tácito que empresta a palavra a tantas outras vozes não ouvidas ou apagadas pela impunidade da guerra. Na fala de Agu percebe-se um constante gaguejar. Uma língua truncada que vai e volta, assim como o fazem os seus pensamentos e as suas lembranças: “meu pensamento é que nem a estrada, vai indo e indo, até que me leva bem longe deste lugar” (IWEALA, 2006, p.123). Mas esse gaguejar que presenciamos em, por exemplo, “dirigir dirigir e andar andar e dirigir dirigir e andar andar e lutar lutar e correr da estrada pro mato e do mato pra estrada” (IWEALA, 2006, p.125), é um balbuciar, que como aponta Deleuze em *Crítica e Clínica* (1993), é um dizer que funciona como um fazer. Nessa repetição da cadência infantil a escrita se confunde com a fala de uma criança que conta o indizível e que nos afeta duplamente: pelo impensável da ação e pelo horror de quem a executa.

Tal como pontua Giorgio Agamben em *Infância é História* (2005), a experiência na linguagem é uma atitude típica da criança que a vivencia na sua pura auto-referencialidade e exterioridade. É nesse sentido que podemos explicar o tremor da língua numa voz que

⁶ Geralmente o pidgin é relacionado com o dialeto que um imigrante fala no seu novo país de residência, misturando palavras. Não é um dialeto materno, ele é uma construção que mistura palavras de sua língua materna com a do novo país de residência.

exterioriza o medo de Agu. Ela gagueja e está em constante movimento. Por instantes grita, às vezes murmura e em outras oportunidades fica-se ouvindo o rumor do silêncio por trás de seus pensamentos. Há tons e sobretons, altos e baixos que desarticulam a palavra, criando uma musicalidade do sobressalto assustadora. Uma vertigem palpável, uma tensão composta por operações simples de maiúsculas e minúsculas que resultam efetivas para fazer-nos sentir na nossa própria pele o medo, a angústia, a desolação e solidão de Agu. MATAR, MATAR, MATAR, ATIRAR, ATIRAR, ATIRAR, ENTRAR NA MULHER. A repetição incessante das ordens dadas pelos superiores ecoa na sua mente como também o fazem frente a nossos olhos. Essas séries de palavras exaltadas funcionam como algoritmos que se entrecruzam com o delírio da fome. Como se o delírio da matança tivesse a sua contrapartida na loucura do depois, da lembrança do horror já acontecido. No entanto, essa palavra não é saúde e também não é redenção. É a repetição do trauma de forma introspectiva. É um eterno retorno a esse passado que o condena, que o atormenta e do qual não sabe como escapar. É um relato dito para dentro, é uma história que não se pode narrar em voz alta e que Agu não representa para mais ninguém. A história está guardada na memória de Agu, atormentando-o mais uma vez.

A vertigem que provoca a estratégia da narrativa de um relato brutal na voz de uma criança é similar à que sentem os verdadeiros soldados que enfrentam esses meninos no campo de batalha. As crianças-soldado são impunemente utilizadas em vários países da África como uma forma de expandir os braços dispostos a lutar, mas também como parte de uma inovação tática que enfraquece o inimigo através do dano psicológico e da quebra que produz o inesperado. Como atirar numa criança?

Ao impacto que produz no inimigo lutar contra uma legião de crianças, soma-se outra “vantagem” da utilização dos meninos-soldado: eles são altamente maleáveis. Resulta fácil embrutecê-los, fazê-los acreditar em fabulações e mentiras de distinto calibre. E, sobretudo, não é difícil induzir medo neles por meio da violência e da sugestão, o que faz com que eles mostrem obediência incondicional, sem lugar a contestações.

Há um lucro expressivo nessas infâncias interrompidas: a condução fácil e as habilidades inigualáveis para confundir o inimigo. Uma infância roubada na qual se iniciam carreiras inusitadas. Pois muitas das crianças-soldado são, na idade adulta, contratadas

como mercenários para lutas civis em outros países, tornando-se, portanto, soldados fronteiriços.

Um outro elemento utilizado em *Feras de lugar nenhum* para criar uma atmosfera de verossimilhança é a interrupção do corpo na narrativa através das sensações que misturam a angústia da fome com um certo erotismo vinculado à crueldade. Esta última é talvez a mais chocante de todas, pois transita por uma vereda difusa na qual se confunde a perversidade geralmente atribuída a determinados comportamentos infantis (como, por exemplo, ao matar um animalzinho simplesmente para experimentar esse devir entre a vida e a morte), com a crueldade de um assassino que tem total consciência do crime cometido. Uma sensação física de desenfreno se desata no momento de matar. Uma ação que é ordenada, mas que também é ensinada a ele por meio da transmissão da experiência de um adulto, o Comandante, que sente voluptuosidade no momento de provocar a morte.

Matar é como se apaixonar diz o comandante: vomito para todos lados. Não consigo me controlar. O comandante diz que é como se apaixonar, mas não sei o que significa. Sinto um martelo batendo dentro de minha cabeça, dentro de meu peito. Meu nariz e minha boca estão coçando. Vejo cores por todos os lados e sinto um buraco na minha barriga. Meu pinto fica duro. Será que se apaixonar é assim?. (IWEALA, 2006, p.35)

A volúpia do Comandante se expande ao ponto de estuprar os meninos de sua milícia. Um longo capítulo é dedicado aos detalhes e sensações do corpo produzidos por esse evento que se repete diversas vezes. As descrições são vívidas. As palavras são carícias do Comandante, o suor, os cheiros, os fluxos, o ardor da penetração e o medo são expostos com crueza. Não há como substituir as palavras por outras mais sutis. O indizível deve ser falado, é necessário que ele seja expulso de alguma maneira. O relato é extenso, as palavras curtas se alongam, a temporalidade se estica na dor, na vergonha de saber-se possuído sem possibilidade de dizer nada: sabe que isso está errado, mas não sabe argumentar exatamente por que. A cabeça de Agu fica “podre como a parte de dentro de uma fruta” (IWEALA, 2006, p.117).

A experiência e a curiosidade são características fundamentais de uma criança e Agu as vivencia com total vulnerabilidade. A descoberta de sensações e do corpo impregna inteiramente o relato do menino. Cada sensação física é descrita como tal, ela não pode ser

intelectualizada, não há reflexões ou revelações profundas sobre a fome. Seus raciocínios são simples, quase elementares, como quando comenta que:

Ás vezes comemos umas folhas aqui e ali, mas acho que as folhas estão me fazendo ficar com dor de barriga, então não como muitas. Carne também me faz ficar com dor de barriga porque a gente não pode usar muito fogo para cozinhar porque, se a gente usar muito fogo, o inimigo vai ver a gente e vai atirar na gente de seu esconderijo. Estou sempre com fome, com tanta fome que sempre sonho com galinhas e sonho que posso comer elas, mastigando até o bico e as penas. Estou com tanta fome que comeria até madeira se isso me deixasse com menos fome, mas só me dá dor de barriga e me faz vomitar e cagar. Estou com tanta fome que poderia comer o meu corpo em pedacinhos se isso não me fizesse sangrar até morrer. Estou com tanta fome que quero morrer, mas se morrer então vou estar morto. (IWEALA, 2006,p.156)

Em certas passagens, o gesto de Agu na narração já não é de denúncia. O relato não é construído para ser lido por um outro. Ele simplesmente é desenhado como um traçado para sentir, uma marca de sofrimento que precisa ser falada para de alguma forma ser uma ponte entre esse soldado implacável e a criança cheia de dúvidas e incertezas. Na escrita se revela a ética com que essa criança se debate constantemente no seu interior, nos momentos que uma janela de lucidez se abre por trás do delírio da fome. Há uma obediência de vida, um mandato que deve cumprir para assim permanecer um pouco mais com vida. Na esperança do quê? Talvez de voltar à vida antes da guerra, de encontrar a sua mãe a sua irmã, de voltar a ser um menino normal. Mesmo sabendo que isso já não será possível, os planos se sucedem:

Vou comer todas as comidas até a minha barriga ficar cheia e então vou comer mais até a minha barriga ficar tão cheia que não vou conseguir ver os meus pés mesmo esticando o pescoço para frente.... então vou voltar à igreja. Vou voltar à igreja e pedir perdão a Deus todos os dias. E vou voltar à igreja e sentar no banco embaixo do ventilador que um dia vai cair e me esmagar e não vou nem me importar com a farpa de madeira que machuca a minha perna porque vou prestar atenção em Jesus. Vou ficar sentado com os olhos colados na estátua de Jesus. Vou ficar sentado, olhando só para ele até que um ele vai me dizer que está tudo bem. (IWEALA, 2006, p.103)

O controle dos outros sobre a sua vida e a exposição à situação adversa é grande. No entanto, os planos de um futuro que dêem continuidade ao seu passado são necessários. Esses planos parecem ser a única coisa capaz de apagar momentaneamente aquilo que está acontecendo. Os planos para o futuro e a memória de um passado feliz são o único porto seguro no qual se pode ancorar a infância de Agu.

Sobrevivendo ao horror

A temporalidade da experiência da criança é o presente, um tempo eterno e ininterrupto. A idéia da morte, de que “tudo passa” ou de um tempo em que se sucedem diversos estágios, lhe resulta assustador. A criança precisa aprender a lembrar e a recordar, pois a memória a ajuda a desfazer a precariedade do presente. Para sobreviver, a criança necessita compreender que esse *agora* se converterá em passado. É por isso que aprender a lembrar é tão importante na infância, pois a ação de lembrar vira um ato de fundação da própria identidade. São as lembranças que fazem dela o que ela é. Talvez seja por isso que Agu não quer morrer e decide obedecer para sobreviver: “Fico com medo porque estou vendo que se quero parar de lutar a única saída é a morte. Não quero morrer” (IWEALA, 2006, p.153). Em parte, esse se aferrar à vida está também relacionado com as lembranças dos ensinamentos de seus antepassados “fazendo barulho na minha cabeça”. São essas lembranças as que não lhe permitem desistir:

Se fosse um menino corajoso, engoliria água ou uma pedra ou alguma coisa que me fizesse parar de respirar e ir para o fundo onde ficaria para sempre, mas não quero morrer dessa forma porque meus antepassados não vão me deixar morar com eles. Ao invés disso, o espírito da gente fica vivendo onde a gente deixou o corpo. (IWEALA, 2006, p.114)

O suicídio não é uma alternativa para Agu, a sua única possibilidade é a de ser um sobrevivente para lembrar e virar memória. Uma memória da qual ele mesmo se nutre no relato como uma forma de não esquecer que tem um passado diferente a esse desolador presente. Diz AGU: “Eu me lembro das coisas que fazia antes de ser soldado e me sinto melhor. Se eu fazia todas aquelas coisas boas e agora só faço o que um soldado tem que fazer, então como posso ser um menino mau?” (IWEALA, 2006, p. 47).

A culpa é a sua responsabilidade e é ela a que motiva o relato como um trânsito itinerante entre a memória do que aconteceu para assim poder esquecê-lo.

Márcio Seligmann-Silva comenta em seu artigo “A literatura do trauma” (1999) que Primo Levi não sabia se os testemunhos eram feitos por uma espécie de obrigação moral para com os emudecidos, ou se simplesmente existiam para livrar-nos de sua memória. Resulta evidente que o relato de Agu emerge do trauma e da necessidade que ele tem de

narrar-se a si mesmo para reafirmar-se. Como uma forma de sentir que tudo aquilo não foi uma fantasia ou uma simples invenção de sua imaginação.

O horror existiu e ele matou, estuprou e também foi estupro. A narrativa dos acontecimentos não o redime, não busca uma saúde nela, simplesmente precisa recordar que foi mau, que antes disso foi bom e que talvez agora, como sobrevivente num centro de reabilitação, tenha a possibilidade de voltar a ser um sujeito e de deixar de ser uma fera. A memória é necessária porque ela cria um ciclo de retorno a isso que Agu já foi. No entanto, o horror e a violência o traspasarão. Ele já não é uma criança, assim como tampouco é inteiramente um adulto. Agu habita um entre-lugar que parece estar detido na memória, na repetição constante de um relato que não pode exteriorizar.

Memória e esquecimento se complementam, atados no trauma e isso se evidencia nas cicatrizes das feridas. Elas não estão totalmente apagadas, elas subsistem na pele, no coração e na alma como uma impressão que não nos permite desapegar-nos delas. O esquecimento dos mortos é impossível, mas a sua memória é indizível. Não há quem fale por eles, Agu não pode fazê-lo. Somente pode falar daquilo que ele fez, daquilo que ele vivenciou e a partir daí tentar reconstruir-se. Essa reconstrução é possível? Não sabemos, assim como Agu também o ignora. Ele só sabe que é um sobrevivente e, portanto, se sabe uma entidade que já morreu ou que deveria ter morrido, mas que ainda está viva.

A palavra, uma sobrevivente

Um dos desdobramentos mais trágicos das lutas desencadeadas a partir do processo de descolonização dos países africanos são as guerras civis. Trata-se da consequência mais visível e sangrenta da criação das fronteiras artificiais responsáveis pela divisão política desse continente, no qual conflitos ancestrais tornaram-se guerras que desencadearam um elevado índice de mortes. Entre elas, a de inúmeras crianças. No entanto, não somente a morte as alcança, também as persegue o trauma da violência como uma situação normal para muitas crianças que não conheceram uma outra infância possível. Uma infância certamente misturada com os influxos do álcool ou de narcóticos que lhes são subministrados para provocar um estado de exaltação que lhes permita ganhar essa estranha coragem de matar.

Segundo a UNICEF, existem umas 300.000 crianças combatentes no mundo. Muitos desses meninos-soldado garantem a proteção das suas próprias famílias que os entregam ao exército para lutar, como no caso de Colômbia. Em outras ocasiões, as milícias armadas somam crianças simplesmente para que não sejam recrutados por outros bandos, como na Uganda. Essas crianças não têm voz, ela foi apagada pela morte ou pela ignorância. O relato ficcional de Iweala serve para iluminar essas vozes ausentes através da palavra de Agu, um menino-soldado. Uma criança que está viva desde o início até a última frase do romance. Quando compreende que esse *agora* brutal terminou, mas com o qual deverá aprender a conviver como sobrevivente: “Sou todas essas coisas. Sou todas essas coisas, mas uma vez já tive mãe, e ela me amava” (IWEALA, 2006, p.187).

Em *Tiempo Pasado* (2005) Beatriz Sarlo, parafraseando Agamben, nos diz sobre a memória dos sobreviventes que aqueles que se salvam não podem fazer outra coisa senão lembrar. Narrar essa experiência que está unida ao corpo e a voz numa temporalidade outra que é diferente ao do acontecer.

É nesse sentido que interpretamos a intenção de Iweala de escrever não somente um romance, mas uma espécie de testemunho que reaviva um debate e também a memória dessas crianças que tiveram a sua infância roubada. Uma realidade que também nos atinge tristemente em América Latina.

Un día me escapé durante el día. Había dejado todas mis armas atrás. Estaba haciendo centinela y me huí. Me cogieron después de una hora. Los milicianos me reconocieron, incluso con la ropa de civil que me había puesto. Lloré cuando me cogieron. Les rogué que me dejaran ir. Me amarraron con una cadena de metal. No podía mover mis brazos. No me dejaron hablar en el consejo de guerra. Afortunadamente votaron por no matarme. En cambio me hicieron cavar veinte metros de trinchera, me mandaron veinte veces por la leña, y me amarraron a un palo por dos semanas. Me tocó hablar al frente de todos explicándoles por qué había tratado de desertar, por qué había hecho ese error.
(*Aprenderás a no llorar. Niños combatientes en Colombia*. Human Rights Watch, 2003)

Referências Bibliográficas

AGAMBEN, Giorgio. **Infância e História. Destruição da experiência e origem da história.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005

BINBAUM, Robert. “Politics can be dangerous in some parts of Africa, but childhood can be even more risky” Entrevista cedida a Uzodinma Iweala. Disponível em: http://www.themorningnews.org/archives/binbaum_v/uzodinma_iweala.php

DELEUZE, Gilles. **Crítica e Clínica.** São Paulo: Editora 34, 2004

FANON, Franz. **Os condenados da terra.** Juiz de Fora: Editora EFJF, 2007

HUMAN RIGHTS WATCH -UNICEF, **Aprenderás a no llorar. Niños combatientes en Colombia.** Disponível em: <http://www.unicef.org/colombia/pdf/aprend1.pdf>

IWEALA, Uzodinma. **Fera de lugar nenhum.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006

JAGURIBE, Beatriz. **O choque do real. Estética, mídia e cultura.** Rio de Janeiro: Rocco, 2007

JÉZÉQUEL, Jean-Hervé. **Niños-soldado en África: ¿un fenómeno singular? Acerca de la necesidad de un enfoque histórico.** Trad. Cláudia Riva-Palacio. *Revue d'histoire*, nº89, janvier-mars, 2006.

Disponível em: <http://www.diplomatie.gouv.fr/fr/IMG/pdf/0605-JEZEQUEL-Esp.pdf>

LARROSA, Jorge. **Pedagogia profana. Danças, piruetas e mascaradas.** Belo Horizonte: Autêntica, 2006

LYOTARD, J-F. **Lecturas de infancia.** Buenos Aires: Eudeba, 1997.

ONU – UNICEF. **Convenção dos Direitos da Criança,** 1989. Disponível em: http://www.unicef.pt/docs/pdf_publicacoes/convencao_direitos_crianca2004.pdf

SARLO, Beatriz. **Tiempo Pasado. Cultura de la memoria y giro subjetivo. Una discusión.** Buenos Aires: Siglo XXI, 2005.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. “A literatura do trauma”. *Revista Cult.* São Paulo, junho de 1999.